



*Por uma cultura de paz*

## **113. RedeUnaViva: Meditação Cristã 113 – paragem 131 – 13.11.2016**

MARCOS 8:10-13; MATEUS 16:1-4; / 12:38-48 / LUCAS 11:29-32

### **OS SINAIS DO CÉU: DE JONAS AO CRISTO**

#### **113.1 Auto-indagação reflexiva e expansiva:**

1. Por que estavam os judeus (fariseus, saduceus e escribas) aptos para distinguirem os sinais climáticos do céu, mas não os sinais celestes da revelação?

2. Em que o sinal de Jonas e a sabedoria de Salomão, por um lado, e o comportamento dos ninivitas e da rainha do Sul, por outro, ajudam a entender a relação dos judeus com o Cristo?

#### **Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

3. Como atravessar a façanha destes dois heróis – o lunar, Jonas, e o solar, Cristo – de mergulhar três dias e três noites, no ventre da baleia e no coração da Terra, para realizar as três vias iniciáticas do cristianismo?

#### **113.2 Introdução: Entendendo as referências evangélicas dos sinais.**

Ao se usar para um mesmo estudo dois textos de um mesmo evangelista, situados em capítulos diferentes – neste caso, Mateus capítulos 16 (versículos 1 a 4) e 12 (versículos 38 a 42) – cujos conteúdos são muito parecidos, há de perguntar se são duas passagens distintas que se repetiram de forma parecida, ou se é a mesma, cujo relato, por motivo desconhecido, se repetiu. Algo parecido já foi cogitado nas duas multiplicações dos pães e peixes, que foi objeto de nossas considerações na Meditação Cristã passada (112). Lá, demonstramos os comemorativos diferentes que deram bastante certeza de que o maravilhoso se repetiu em duas ocasiões.

Nesta MC, o tema é a solicitação, por parte dos judeus – fariseus, saduceus e escribas – de um sinal celeste que confirmasse Jesus na condição de o Messias.

Na cronologia assumida aqui, aparece o capítulo 16 de Mateus para ser analisado. Este conteúdo, além de ter sido abordado por Marcos, no capítulo 8, e por Lucas, no capítulo 11, reprisa-se no capítulo 12 do próprio Mateus. Marcos, de forma



### *Por uma cultura de paz*

resumida e seca, expõe-lo em três versículos, enquanto Lucas trata do assunto de modo muito parecido com o de Mateus, especificamente nos seus versículos 38 a 42 do capítulo 12. Como já foi comentado que Mateus não utiliza, com rigor, uma exposição cronológica, pensamos se tratar de uma repetição intencional por motivos didáticos. De acordo com este entendimento, seria agora, no capítulo 16, o momento de ele narrar o fato em si. Mas como o seu conteúdo factual já fora exposto lá atrás, no capítulo 12, aqui ele o sintetiza. No entanto, acrescenta uma referência meteorológica como um dos sinais celestes, que não constou lá.

Ao analisar o estupendo capítulo 12 de Mateus muito se pode aprender sobre o Cristo. Sugiro que o leiam ou releiam-no. Exatamente pela intenção que o evangelista teve de discorrer sobre a essência do messianismo de Jesus. Ele faz ali um mosaico de passagens do Cristo para clarear o tema. Entre elas estão quatro confrontos com os fariseus: 1) a censura motivada pela colheita de espigas numa seara pelos seus discípulos, num dia de sábado; 2) ainda pela violação do sábado, por ter curado o homem da mão mirrada, na sinagoga de Cafarnaum; 3) por acusarem-no de se mancomunar com Belzebu, o príncipe dos demônios, para expulsar os espíritos, quando cura um endemoninhado cego e mudo; e 4) a situação de que tratamos agora – o pedido dos fariseus de um sinal celeste.

Analisemos estes versículos de Mateus (12: 38-42) juntos com os outros complementos que bem se encaixam para nos assenhormos da intenção que teve o antigo publicano de demonstrar a todos a grandeza do Cristo. Precisamos assimilá-la para nos darmos conta da divindade que habita em nós.

#### **113.3 Evangelho-parte 1: Os judeus provocam Jesus, testando-o (Mt, Mc)**

**Mt 12:38. Então alguns dos escribas e fariseus disseram: "Mestre, queremos ver algum sinal (feito' por ti)".**

**Mt 16:1. Chegaram os fariseus e saduceus e, para experimentá-lo pediram que lhes mostrasse um sinal celeste.**

**Mc 8:11. Saíram os fariseus e começaram a discutir com ele, procurando dele obter um sinal celeste experimentando-o.**

1. Em Magadã, vieram fariseus, escribas e saduceus para testá-lo. Provocavam-no: “Rabi, queremos ver um sinal celeste feito por ti.”

#### **113.4 Evangelho-parte 2: Como religiosos hipócritas são desmascarados. (Mt)**

**Mt 16:2. Mas ele respondendo-lhes, disse: "Chegando a tarde, dizeis: Bom tempo, porque o céu está vermelho;**



*Por uma cultura de paz*

3. e pela manhã: Hoje (teremos) tempestade, porque o céu (está) vermelho e carregado. Hipócritas, sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu, e não podeis (discernir) os sinais dos tempos?

- |   |  |
|---|--|
| 2. Responde-lhes, Jesus: “À tarde, se o poente é rubro, dizeis: ‘teremos bom tempo’.    | 4. Dissimulados! Sabeis discernir os aspectos do céu, mas não sabeis distinguir os sinais dos tempos”? |
| 3. Porém, de manhã, se a alvorada é vermelha mas carregada, direis: teremos tempestade. |  |

#### 113.5 Evangelho-parte 3: O pedido de sinal é negado. (Mt, Mc, Lc)

Mt 12:39. Ele, porém, respondeu: "Uma **geração má e adúltera pede um sinal**; mas **nenhum sinal se lhe dará, senão o sinal do profeta Jonas**.

Mt 16:4a. Uma geração má e adúltera pede um sinal, e nenhum sinal se lhes dará senão" de Jonas".

Mc 8:12. Ele, suspirando em seu Espírito, disse: "Por que **esta** geração pede um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração **nenhum sinal será dado**".

Lc 11:29. Como **aflúissem as multidões**, começou a dizer: "Esta é uma geração má: pede um sinal e nenhum sinal se lhe dará, senão o sinal de Jonas.

7. Uma multidão já se formava em seu entorno e o Mestre continuou: “Esta geração má e adúltera pede um sinal, mas sinal algum lhe será dado, senão o sinal do profeta Jonas.

#### 113.6 Evangelho-parte 4: A diferença entre o sinal de Jonas e o sinal do Cristo. (Lc, Mt)

Lc 11: 30. Pois **assim como Jonas se tornou um sinal para os ninivitas**, assim **também o Filho do Homem o será para esta geração**.

Lc 11: 32. Os **homens ninivitas** se levantarão no **julgamento com esta geração e a condenarão**, porque **modificaram sua mente com a pregação de Jonas**; e eis um maior que Jonas aqui".

Mt 12:40. **Porque assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra**.



*Por uma cultura de paz*

41. Os homens ninivitas se levantarão no julgamento com esta geração e a condenarão: pois modificaram sua mente com a pregação de Jonas; eis um maior que Jonas aqui.

9. “Jonas foi o próprio sinal para os ninivitas ao passar três dias e três noites no ventre do peixe.

10. Esta geração também terá o sinal do Filho do Homem quando este passar três dias e três noites no coração da terra.

11. No entanto, no julgamento desta geração, os homens ninivitas a condenará, pois eles modificaram sua mente com a pregação de Jonas; e eis aqui um maior do que Jonas.

#### 113.7 Evangelho-parte 5: A condenação desta geração. (Mt, Lc)

**Mt 12:42. A rainha do Sul despertará no juízo com esta geração e a condenará: pois veio dos confins da Terra para ouvir a sabedoria de Salomão; e eis um maior que Salomão aqui".**

**Lc 11: 31. A rainha do Sul despertará no juízo com os homens desta geração e os condenará; pois veio dos confins da Terra para ouvir a sabedoria de Salomão; e eis um maior que Salomão aqui.**

12. “No juízo, a rainha do Sul despertará com esta geração e a condenará, pois venceu grande distância para ouvir a sabedoria de Salomão; e eis aqui um maior do que Salomão”.

#### 113.8 Evangelho-parte 6: Mais um retiro. (Mc, Mt)

**Mc 8:13. E deixando-os, tornou a embarcar e foi para o outro lado.**

**Mt 16:4b. E deixando-os, retirou-se.**

13. Tomou o barco com os seus discípulos e se dirigiu para o outro lado do Mar da Galileia.

#### 112.1. Auto-indagação reflexiva e expansiva:

**1. Por que estavam os judeus (fariseus, saduceus e escribas) aptos para distinguir os sinais climáticos do céu, mas não os sinais celestes da revelação?**

Quem eram os religiosos que intimavam Jesus a produzir um sinal? Se faziam jus aos títulos de fariseus, saduceus e escribas, e testavam o Mestre, a eles era mais do que cabido a metáfora empregada pelo Cristo.

Se uma pessoa com conhecimento vulgar, ao olhar o céu, está apta a distinguir os sinais de bom e mau tempo, para prever o clima meteorológico, de forma similar,



### *Por uma cultura de paz*

um religioso com conhecimento próprio da sua seara, deverá ser capaz de distinguir os sinais dos tempos. Deverá estar apto a conhecer os sinais dos céus.

Sobre estes, logo no batismo houve um, nas águas do Jordão. Se os interlocutores de agora não foram testemunhas oculares daquele evento, como instituição religiosa que representavam, contavam com a informação corporativa. E muitos outros afirmaram a condição messiânica de Jesus. Ainda há pouco, como parte deste Retiro, tantas curas fizera no último morro, culminando a epopeia com a segunda multiplicação dos pães. Sinais de excepcionalidade não faltavam. Quando terminara o Sermão do Monte, o comentário geral é que ele ensinava como quem deveras possuía autoridade e não como os escribas (Mt 7:28-29).

Sinais não faltavam. Mas se faltavam o tino religioso e a expertise espiritual de quem tem ouvidos de ouvir (os sermões) e os olhos de ver (cegos voltarem a enxergar, endemoninhados serem libertos e paralíticos volverem à deambulação), o máximo que se lhes podia retornar era o apodo de hipócritas. Hipócritas, sim, porque se apresentavam como religiosos, mas careciam de credenciais. Queriam o status mas não detinham conhecimento suficiente para o desempenho da função. Que autoridade, então, possuíam para clamar por demonstração? E não desenvolveram tal autoridade, certamente, porque a qualidade de geração má e adúltera lhes obstruiu a marcha.

Este é um mal que todos nós que enveredamos pelo caminho espiritual precisamos evitar. Evitar através da conscientização de que não basta, hoje, se dizer cristão. Isto porque o título nada garante. O que sustenta esta condição é a ação baseada no esforço diário da reforma mental. Aquela geração foi designada como má porque adulterou seu contrato com Deus. Introduziu-se por tal deslize como consequência da sua infidelidade. Analisemos: se para sermos servos fiéis precisamos de reforma íntima e ação consequente, cabe interrogarmo-nos para saber se a resposta é afirmativa ou negativa. Sim, hoje ao me deparar com um sentimento ou um ato que depõe contra minha iniciativa religiosa, trabalhei-me para não ficar a mercê de tal comprometimento? Caso, minha resposta seja oposta, eu engrosso o coro da geração adúltera da atualidade.

Por outro lado, se eu, meu grupo, tal como os fiéis que acompanhavam Jesus, estamos neste ministério de construir a grande obra divina em nós, seremos capazes, como aqueles também o foram, de perceber nos atos e nas palavras do Mestre sinais magníficos da sua unificação com o Pai.

Neste caso, não rogaremos sinais celestes, pois que os sinais dos tempos se apresentam com tal evidência que dispensam provas complementares. E este é apenas o primeiro passo do nosso comprometimento com a mudança, porque o acompanhando virá o conforto que sucede a compreensão da justeza de estarmos onde deveríamos estar, enfrentando as provas para a reforma interior de que carecemos, e, certos, de que assim somos cooperadores para que os sinais do tempo, no caso da



*Por uma cultura de paz*

bonança que amanhecerá na Terra daqui a pouco tempo, depende do meu empenho e de todos aqueles que se sintonizam com esta faixa da vida.

Se eles não estavam aptos para distinguirem a grandeza do Cristo, nós, não apenas devemos estar, como também nos cabe ser seus colaboradores na grande obra, a de implantar, na Terra, o reino dos céus.

**2. Em que o sinal de Jonas e a sabedoria de Salomão, por um lado, e o comportamento dos ninivitas e da rainha do Sul, por outro, ajudam a entender a relação dos judeus com o Cristo?**

Jesus não responde à provocação dos fariseus apenas explicitando sua condição de religiosos hipócritas, despreparados, mas aponta para o que lhe sucederá no dia do juízo. E usa como referência para a sua apreciação sobre a realidade espiritual dos fariseus e saduceus, o profeta Jonas e o rei Salomão. Há de se adicionar que nesse capítulo 16 de Mateus, o rei Davi, pai de Salomão, também já fora referenciado.

O dia do Juízo, do Juízo Final, é uma expressão de peso na tradição, e comporta várias interpretações. Há descrições que se encaixam nele, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Nos quatro evangelhos ele aparece, entre outras, nesta passagem, como apareceu levemente modificado na lição do Pão Vivo (MC-101) – “Porque esta é a vontade do que me enviou: que todo o que contempla o filho e nele confia, tenha a vida imanente, e **eu o elevarei na etapa final** (noutra tradução, **eu o ressuscitarei no último dia**) (Jo 6:40).”

Pensando no carma, que se atém tanto no campo do indivíduo, como no da família, da sociedade e da humanidade, é preciso particulariza-lo a fim de que se entenda o que vem a ser esse *juízo*.

Com muita regularidade, todos nós lançamos mão de defesas psicológicas que impedem o confronto direto com nossa realidade. Não obstante, por muitas particularidades, dia e hora vêm em que a nudez da alma é tamanha que não há com o que contra-argumentar. As justificativas se mostram irrisórias, casuísticas e precárias diante da clareza explicitada. É a própria consciência a fazer papel de juiz. Se preferirmos o sentido religioso convencional adaptado à realidade, é Deus em nós, falando através da consciência. É muito comum isto acontecer no retorno à pátria espiritual, quando a morte do corpo físico quebra o jogo das aparências. Por isto, a importância da autoanálise diária, bem afeita à proposta da Jornada Real, a fim de irmos nos desnudando psiquicamente na continuidade dos dias. Conhecendo-se e se reformando – este é o imperioso labor da transmutação do ego.

Mas há também, no outro extremo, o Dia do Juízo Final aplicável à humanidade como um todo. Sobre ele, João se detém no Apocalipse (capítulos 14 e 20), afirmando haver um tempo de mil anos para o primeiro juízo e outro período similar para o



### *Por uma cultura de paz*

segundo. Paulo, em Romanos (8:17), identifica quem são os co-herdeiros que ajudarão neste julgamento.

A humanidade, a contar do advento do Cristo, adentra seu terceiro milênio com sobejas indicações de estar atravessando fronteira de consideráveis mudanças. Passará da condição de planeta de Provas e Expições para mundo de Regeneração, de acordo com o ensinamento dos Espíritos a Allan Kardec, expostos no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Com estas explicações, a palavra do Cristo ganha amplidão ao se referir ao julgamento e ao juízo, na lição que ora nos ocupamos. Está a dizer que os homens ninivitas, por escutarem a palavra do profeta Jonas, e a terem usado para a reforma mental – aquela que João Batista frisou ser necessária – fariam parte dos co-herdeiros aptos a julgarem, e condenariam aquela geração que não dá ouvidos para o Cristo. Isto é, eles servem de referência para comparação que o Cristo explicita. Da mesma forma, a rainha do Sul, revelar-se-á hábil julgadora para a ocasião, porque soube vencer imensas distâncias a fim de escutar e levar em conta a sabedoria de Salomão.

Com menos recebido, eles se regeneraram. O Espírito iluminado e liberto não fica preso a quaisquer convenções ou falsa modéstia. Nesse capítulo 16 de Mateus, Jesus usa estas três referências luminares do judaísmo – Davi, Salomão e Jonas para dizer quem é ele. Se os ninivitas e a rainha do Sul tiveram estes profetas, filhos de mulher, para se matutarem e reencontrarem o caminho da casa do Pai, o que dizer dessa geração que tinha o Filho do Homem, como o Messias vivo a conviver com ele, e ainda ficaram a lhe exigir que protagonizasse sinais celestes? Pior, tramaram e executaram sua morte.

Receberiam um sinal, sim, mas um sinal, diferente. O sinal do verdadeiro profeta é aquele que passa pelo seu Ser. Ele se dá, porque ele próprio deve ser o expoente exemplo da presença de Deus entre os homens. Se Jonas ficou no ventre (na barriga, nos intestinos – zona da materialidade planetária) do peixe, por três dias e três noites, antes de ser levado à sua missão em Nínive, o Cristo, permaneceria por três dias e três noites, no coração (no peito, morada do amor) da terra, antes de aparecer na ressurreição gloriosa, que o confirmaria vivo para a cristandade nascente.

**Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

**3. Como atravessar a façanha destes dois heróis – o lunar, Jonas, e o solar, Cristo – de mergulhar três dias e três noites, no ventre da baleia e no coração da Terra, para realizar as três vias iniciáticas do cristianismo?**

Se Daniel não foi trucidado pelos leões quando aprisionado, isto se deveu à sua fina sintonia com Deus, desenvolvida em orações constantes, que fez pairar na toca deles uma inebriante onda do amor que unifica. Não havia para os felinos um adversário a ser dizimado pelo instinto carnívoro. O império dos instintos fora extinto,





*Por uma cultura de paz*

mesmo que temporariamente, para os animais, e a vida, a de Daniel, passava a se situar num plano intangível à linguagem humana.

Já o outro profeta, Jonas, culpado por se desertar diante da missão que Deus lhe confiara, pediu que fosse lançado ao mar como meio de expiar seu remorso, admitindo ser o causador do maremoto que ameaçava naufragar o barco em que viajava. Recebeu, pela via purgativa, a oportunidade de rever seus planos e de se refazer em ação diferente. O tempo do seu juízo foi este, o de atravessar só a goela da baleia para rever sua existência e entrever sua culminância final e estranha no oco gástrico e gosmento do grande bicho que o devorara. Um juízo de trânsito extraordinário que lhe permitiu durante três dias e três noites – principalmente três noites – morrer e renascer. Se o julgamento oferecido pela própria consciência é desfavorável, vem o período do grande pesar, dos choros e rangeres de dente, que perdura o tempo suficiente para que a luz prepondere diante das trevas. Três noites seguidas de três dias, três ciclos de sombra e luz, até poder ser expulso daquele *útero* escuro e misterioso da baleia, partejando nova vida.

Se, felizmente, já consigo ir para meus aposentos diariamente com Daniel, não estou livre de entrar no porão do navio na companhia de Jonas. Se com Daniel, meditando dia sim e outro também, já consigo buscar, encontrar e louvar Deus, sua vantagem reside na capacidade de resistir ao arrastamento que as intempéries do caminho provocam – pois não há dúvidas: que elas chegam, chegam. O segredo valioso, que compartilho, é o de ter descoberto que existem ações profiláticas para evitar ser enredado nas teias do destino: o recolhimento constante para *falar com Deus* faz toda a diferença. De toda feita, como herói lunar – e todos nós o somos –, quando as tempestades surgem, se pela sintonia divina não conseguir reaver rápido o prumo necessário, o naufrágio desastroso é previsão. Pelo menos, somos todos heróis lunares, na medida que somos “filhos de mulher”, e pelo mais, o somos também, na medida em que nos dispomos a tomar a própria existência como a guerra que precisamos vencer. Guerra feita de batalhas diárias, onde o grande adversário sou eu mesmo enquanto ego agindo de acordo com os padrões enganosos da visão míope.

Quando isto muda, e muda substancialmente, passo a enxergar o herói solar que brilha na minha consciência. Este não precisou entrar no ventre do animal, a não ser que a besta fique configurada na própria humanidade da qual fazemos parte. Enquanto sua amorosidade extraordinária veio habitar o coração da Terra para nos libertar, isto é, ensinar o caminho da libertação, nós reagimos expulsando-o na morte vexaminosa da cruz. Mas o Cristo, sintonizado no amor, depois de passar três dias no coração da rocha, voltou irradiando excelsa luz para afirmar a imortalidade do espírito e a imanência da vida.

Na condição destes heróis que falam dentro de mim, atravesso também minha purgação em dias e noites que se sucedem, mas já consigo pela via contemplativa da oração, vislumbrar a unificação com o Pai, caminhando ao lado do Filho do Homem.





*Por uma cultura de paz*

**113.9 Versículo(s) para a meditação:** Mateus 12:40.

“Porque assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra”.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 114 – paragem 132 – 20.11.16  
MARCOS 8:13-26; MATEUS 16:5-12

